

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS ACERCA DAS ESPADAS DE HONRA QUE SE GUARDAM NO MUSEU DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA.

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

SOUSA, J. M. Cordeiro de, Notas acerca das espadas de honra que se guardam no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2) Jan.-Jun. 1956, p. 97-102.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notas acerca das Espadas de Honra que se guardam no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA
Da Academia Portuguesa da História

Em 1944 o falecido académico coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, publicou no volume XLIV do *Boletim do Arquivo Histórico Militar* um exaustivo trabalho intitulado «Espadas de Honra» em que se ocupou não só das «que constituem autênticas obras de Arte», mas de outras «que sendo espadas de serviço, inserem inscrições interessantes», e até de algumas que, por motivos diversos, não chegaram a ser oferecidas àqueles a quem haviam sido destinadas, enriquecendo esse trabalho com as biografias dos que receberam tão honrosa distinção.

Por qualquer motivo que desconhecemos não incluiu esse ilustre escritor na sua relação as espadas de honra oferecidas a alguns exploradores e heróis da ocupação dos nossos territórios africanos, guardadas no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, por cativante dádiva de suas famílias.

É pois a presente lista, elaborada com os elementos existentes na Sociedade de Geografia quando fiz parte da sua Direcção, uma resumida sequência do trabalho desse erudito e saudoso amigo.

I

Espada de honra oferecida em 18 de Junho de 1869 pelo comércio português do Zaire ao Capitão de fragata Joaquim Viegas do O.

Foi oferecida por seus netos à Sociedade de Geografia de Lisboa em 4 de Novembro de 1935. Número 18.652 do catálogo do museu.

*

Joaquim Viegas do O, que nascera em 1815, assentou praça de soldado de infantaria a 19 de Agosto de 1833, e a 6 de Outubro desse ano foi nomeado Aspirante de Marinha. A 27 de Agosto de 1835, tendo completado os seus estudos com o curso de matemática, foi promovido a Guarda-marinha. Nove anos mais tarde, a 19 de Setembro de 1844, é promovido a Segundo-tenente, em 16 de Novembro de 1854 a Primeiro-tenente, e a 9 de Abril de 1862 a Capitão-tenente.

Nesse posto, creio que estando a exercer o comando da estação naval de Angola, reprimiu os audaciosos roubos e assassínios praticados pelos indígenas do Zaire, o que levou os negociantes dessa região a oferecerem-lhe uma espada de honra que desde então não mais deixou de usar.

Com a mesma decisão e bravura dominou uma revolta nas minas de Bembe.

Em 17 de Março de 1870 foi promovido a Capitão-de-fragata, e cinco anos depois a Capitão-de-mar-e-guerra, passando à situação de reforma pelo Decreto de 28 de Julho do ano seguinte com o posto de Contra-almirante.

Comandara os iates *S. Miguel*, *S. Martinho*, *Santa Isabel*, e *Santa Ana*; os brigues *Africano*, *Caçador*, e *Carvalho*; as galeras *Castro*, e *Ilustre Portugal*; o brigue *Rodvalho*; e as corvetas *Duque de Palmela*, *Infante D. João*, e *Sagres*. Foi imediato da nau *Vasco da Gama*, e comandou uma divisão naval no Rio de Janeiro e no Rio da Prata, além das estações navais de Angola e de Goa.

Foi Capitão do porto de Ponta Delgada, cargo em que foi louvado pelos seus relatórios acerca das obras do porto artificial, e esteve na Inglaterra e em Macau «onde praticou uma acção heróica que a sua folha de serviços não assinala».

Foi condecorado com a comenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e com os hábitos de cavaleiro das Ordens de S. Bento de Avis e da Torre e Espada, este por ter tomado parte nos assaltos às praças de Caminha, Valença, e Viana do Minho em 1834.

II

Espada de honra oferecida ao Coronel de infantaria Estanislau Xavier da Assunção e Almeida, em 4 de Novembro de 1871, por uma comissão de

que faziam parte as pessoas mais categorizadas de S. Tomé, que para a entrega da espada se dirigiram a Benguela, onde o homenageado então se encontrava, em «demonstração de reconhecimento pela inteligência e Zelo» com que administrara aquela província.

Tem os copos e a bainha de prata, e foi feita por J. J. de Albuquerque.

Oferecida à Sociedade de Geografia de Lisboa pela Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Purificação Almeida. Número 18.600 do catálogo do Museu.

*

O Coronel Estanislau Xavier da Assunção e Almeida, nasceu em 16 de Maio de 1822 e faleceu em 15 de Março de 1882.

De 1861 a 1863 exerceu o cargo de chefe da Secção Militar da Secretaria do Governo Geral de Angola. Foi Governador de S. Tomé nos anos de 1863 a 1865, de 1867 a 1869, e de 1876 a 1878, e governou o distrito de Benguela desde Abril de 1870 até Janeiro de 1872.

Foi comendador da Ordem de Cristo, cavaleiro das Ordens de S. Bento de Avis e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e possuía as medalhas de prata de Bons serviços, de Comportamento exemplar, e a comemorativa da expedição de Angola.

III

Espada de honra oferecida pela corporação da Armada Real ao explorador Roberto Ivens, após a sua travessia de Angola à contra-costa.

Oferecida em Novembro de 1927 à Sociedade de Geografia de Lisboa pelo filho do explorador. Número 18.270 do catálogo do Museu.

*

Roberto Ivens nasceu a 12 de Junho de 1850 na ilha de S. Miguel. Veio para Lisboa onde fez o curso da Escola Naval durante os anos de 1867 a 1870. Promovido a Aspirante de Marinha, embarcou para a Índia na corveta D. Estefânia, voltando já no posto de Guarda-marinha. Seis dias após a

sua chegada, seguiu a bordo da corveta Duque da Terceira para Angola, onde percorreu grande parte da costa, regressando ao Reino em 1874. Promovido nesse ano a Segundo tenente, volta a Angola em 1876 fazendo os reconhecimentos da Baía dos Tigres, dos territórios do Zaire, etc. E no ano seguinte, com Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto, realiza a conhecida travessia do continente africano, bem como as viagens de exploração de 1883 a 1885, regressando a Lisboa em Setembro desse último ano.

Então a corporação da Armada Real ofereceu-lhe esta espada de honra.

IV

Espada de honra oferecida pela colónia portuguesa de Santos ao então Major Serpa Pinto.

Tem na lâmina a seguinte inscrição:

Ao brioso Major A. A. da Rocha Serpa Pinto / vencedor dos Makololos // A colónia portuguesa residente em Santos / (Brasil) 1890.

Oferecida à Sociedade de Geografia de Lisboa por seu neto o 2.º Visconde de Serpa Pinto.

Número 19.310 do catálogo do Museu.

*

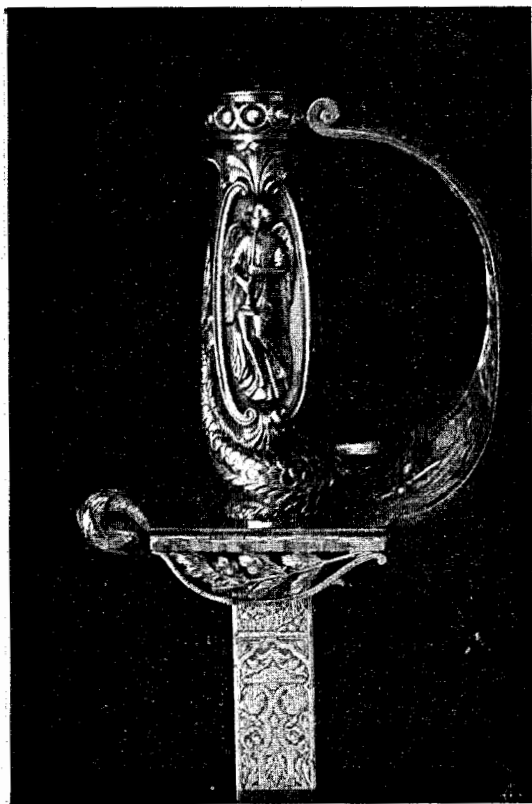
Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto, nasceu em Tendais, no concelho de Sinfães, no dia 20 de Abril de 1846.

Em 1858 entrou para o Real Colégio Militar, e cinco anos depois, tendo completado o curso, assentou praça, sendo promovido a Alferes de infantaria em 1864.

Em 1869, tinha então 23 anos, oferece-se para tomar parte na campanha contra as hostes do celebrado Bonga, na Zambézia, e desde então a sua vida em terras de África decorre entre acções de bravura e de patriotismo.

É difícil dizer alguma coisa acerca de Serpa Pinto, sem repetir o que se tem escrito. Refiro-me apenas a um dos seus muitos actos de heroísmo, por menos conhecido, tal como no-lo conta sua filha no livro *A vida breve e ardente de Serpa Pinto*:

Em 1870 voltava ele, cheio de febres, da campanha da Zambézia quanto ao aportar a Marselha, se encontrou em plena guerra franco-prussiana. Não lhe sofre o ânimo, ele que vinha de combater, passar indiferente por aqueles campos de batalha. Desembarca e vai oferecer a sua espada a um comando francês onde precisamente naquele momento se ten-



Punho da espada de Roberto Ivens

(Foto de Ed. Portugal)



Punho da espada de Serpa Pinto

(Foto de Ed. Portugal)

tava fazer chegar uma ordem a certo posto instalado para lá de uma ponte que estava sendo batida pelo fogo do inimigo.

Cinco oficiais tinham tentado a arriscada missão, mas haviam caído varados pelas balas prussianas. Serpa Pinto oferece-se para a cumprir, mas o comandante hesita em sacrificar esse oficial estrangeiro. Ele, porém, insiste, segura no papel, salta para um cavalo, e lança-se a galope.

As balas sibilavam em volta dele, matam-lhe o cavalo em que montava, mas Serpa Pinto levanta-se da queda, corre, salta por cima dos corpos dos que haviam tentado atravessar a ponte, e a ordem é entregue.

Por tal feito recebeu a Legião de Honra.

Depois, tranquilamente, regressa a Portugal, onde é colocado em obscuros serviços de guarnição na província, até que em 1877 realiza a travessia do continente africano, que o torna conhecido e admirado em todo o mundo culto.

Daqui por diante a sua actividade é por demais sabida para que nos ocupemos dela nestas brevíssimas notas.

Em 1890 os portugueses residentes na cidade brasileira de Santos ofereceram-lhe uma espada de honra com os copos de ouro e o seu monograma cravejado de brilhantes e rubis.

Na Exposição Colonial Internacional de Paris em 1931, talvez poucos o saibam, o nome de Serpa Pinto figurava no grande obelisco de honra, mandado ali inscrever pelo Marechal Lyautey, entre os dos mais notáveis exploradores estrangeiros.

V

Espada de honra oferecida em 1904 ao então Capitão de infantaria António Eduardo Romeiras de Macedo, pelo comércio do distrito de Benguela, como prova de reconhecimento por, em Abril desse ano, como Capitão-mor do Bailundo, e comandante de uma coluna de operações, ter pacificado a região do Bembe.

Oferecida pela família à Sociedade de Geografia de Lisboa em Agosto de 1948.

Número 19.302 do catálogo do Museu.

*

O Coronel de infantaria António Eduardo Romeiras de Macedo, nasceu a 18 de Julho de 1870.

Tomou parte nas campanhas do Bailundo, do Bembe, do Sul de Angola, e na guerra de 1918. Em 1905 e 1906

desempenhou o cargo de adjunto da Repartição Militar do Ministério da Marinha e Ultramar, e em Angola foi Capitão-mor do Bailundo desde 1902 até 1904, Governador do distrito de Benguela nos anos de 1906 a 1908, 1909, 1911 a 1912, 1923 a 1925 e de 1926 a 1928. Em 1915 foi nomeado Governador do distrito da Huila, mas não chegou a tomar posse do cargo, e em 1926 Governador do distrito do Bié. Fez parte da comissão encarregada da reorganização administrativa de Angola, da de colonização do planalto de Benguela, etc.